



## O remo e a rã

Marcus André Vieira

### Referência

Vieira, M. A. O remo e a rã. *Opção Lacaniana* n.73, pp. 77-81, agosto de 2016.

Capa e índice

### Resumo

Este texto apresenta um testemunho de passe, o relato de um fragmento da análise no autor, em que se visa o ponto em que a análise contou com elementos de linguagem fora do sentido para seu desfecho. Com este fim o autor parte da oposição entre as imagens que se apoiam nos significados compartilhados e naquelas que incluem o que a eles escapa. Destas últimas serão destacadas aquelas relacionadas ao modo de apreensão da relação do autor com seu pai em análise, por outro, as trazidas por um hai-cai de Bashô.

Palavras-chave: Lacan, Final de análise, Passe, Hai-cai, Bashô

## The row and the frog

### Abstract

This paper presents a testimony, a fragment of the author's psychoanalysis, in order to seek the point at which the analysis included language elements without meaning for its conclusion. The text presents the opposition between the images that rely on shared meanings and those which includes something that has no sense at all. Of the latter, the paper highlights some of those related to the author's relationship with his father in analysis, on one hand, and the images brought by a hai-cai of Basho.

Key-words: Lacan, the conclusion of an analysis, pass, Hai-cai, Basho.

### I

Às vezes, naqueles encontros que chamamos entrevistas preliminares peço a alguém que busque nos guardados da memória uma lembrança e a descreva como se descreve uma foto.

A foto ajuda porque se apresenta como cena, uma imagem e não um filme, o que permite tomá-la como uma estrutura. Nela comprimem-se seus átomos significantes, elementos fora do sentido que sustentam e promovem o jogo dos sentidos.

---

\* Redigido para a plenária “Uma imagem indelével na análise”, do VII Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana (Enapol), *O império das imagens*, São Paulo, em 5/9/2015.

Nosso trabalho começa por destacar, no campo do sentido e das imagens que parecem dizer algo evidente, os significantes que, uma vez postos em relação uns aos outros, fisgam mais do sujeito do que se via até então.

Assim entendo uma das funções da imagem em análise, a de nos mergulhar em uma estrutura e nos abrir a seus significantes primordiais. Há outra, a de localizar o que do real se apresentará nem tanto nos significantes, mas no modo como eles ressoam.<sup>1</sup>

Vou tentar transmitir isso a vocês com uma cena que teve papel crucial em minha análise.

## II

O remo desaparecia na água turva em que deslizávamos. Recolhia às vezes um fio de alga contrastando com o vermelho desbotado do barco. Meu pai, que dava aulas sobre tudo, ali guardava silêncio. O lugar parecia pedir. Antigo parque meio esquecido no subúrbio da cidade serrana, um lago artificial com duas ou três ilhotas. Uma ponte em arco levava até uma delas. Se eram abertas no passado, agora eram só o segredo do que tinham visto. Uma roda d'água preguiçosa, barcos a remo para alugar e nós. Os irmãos estavam em algum lugar, mas na lembrança éramos só meu pai e eu. Nós e a neblina daqueles sábados de inverno cedo pela manhã. Ele vinha do Rio para nos ver, zeloso na recém separação e talvez não achara muito a fazer na cidade. Mais tarde descobriu um clube em que nadávamos, cavalos e motos de aluguel. Depois foi o grande Rio com seus cinemas e praias. Ali, porém, era ainda o entre-dois, nem família nem mundo, não mais pai e não ainda estranho.

## III

O parque foi reinaugurado anos depois, com pintura nova e banda de música, mas a neblina já estava definitivamente incorporada a meu gosto pelas terras de ninguém.

Só muito depois vi o quanto nada ali exigia melancolia. Com meu filho, esperando um ônibus um dia tive a certeza de que sua terra do nunca, nunca seria triste. Talvez porque soube eu com ele ficar quieto, aproveitar, sem nada pedir à neblina. Sei que devo isso à minha análise. De fato, a verdade da melancolia nela se esfumou quando em tantas cenas e momentos foi sendo recortado a cada vez o ponto em torno do qual tudo acontecia.

A imagem indelével para mim não é a do parque, mas a do remo, que bate na água, uma vez, outra e outra mais, fazendo e refazendo o acontecimento inaugural, de um encontro sem trauma, acontecimento de corpo que esvazia com sua força a realidade, melancólica ou eufórica, da fantasia.

Nisso, me perdi da neblina. Aquele parque a guardou com ele. Fiquei só com o infinito litoral que aquele remo continua desenhando, em seu mergulho, entre água e ar.

## IV

Nessa época me encantei com os *hai-kais*. São difíceis de entender exatamente porque nada há a ser entendido. Um *hai-kai* é raso, quer só ser epifania, traçando o limite constituinte da diferença entre raso e profundo.

Um *hai-kai*, talvez o mais famoso de Bashô o demonstra. Ele pareceu vir de 1686, quando foi provavelmente composto, para me ajudar com meu remo:

*velho lago / mergulha a rã / fragor d'água.*<sup>2</sup>

Só. Esse haikai tem, em só português 56 traduções, de Guimarães Rosa (*tatalou e caiu / com onda espiralada / fragor de entrudo*) a Haroldo de Campos (*O velho tanque / rã salt / tomba / rumor de água*).<sup>3</sup>

O essencial é o traçado da superfície da água no mágico e definitivo instante do mergulho - personagens, cenários (até mesmo a água) são secundários.

Foi o que minha análise me deu: um remo, infinitamente *mordendo* a água. Mais ainda, ela me devolveu o que isso ressoa com o que de meu corpo é acontecimento e não espelho, o que é dele e não do Outro.

## V

O infinito do remo lembra que o acontecimento de corpo não é *um* acontecimento, não é um momento histórico. Ele é aqui e agora e a cada vez que um mergulho vibra como acontecimento inaugural.<sup>4</sup>

Nesse sentido, minha análise me leva a me contrapor ao poema de Leminsky que joga com Mallarmé e Bashô: *um salto de sapo / jamais abolirá / o velho poço.*<sup>5</sup>

De acordo, o lago não será abolido, mas fica tão preto-e-branco que pode servir a outra coisa. Outras leituras vêm, então, acontecer na contingência dos encontros. Sinto que posso, hoje, me surpreender com novas leituras para o real de meu sinthoma, fora das grades repetitivas da fantasia. Não creio, porém, que esteja mais próximo do real, do que não tem leitura. Apenas menos preso à sua face de sempre. Se o analista é um daqueles que consegue acolher e até inventar novas interpretações para o disforme do real, talvez ele seja desesperadamente necessário hoje quando só parecem possíveis leituras rígidas, dos genes ao índices de aprovação. Sei que prefiro rã de Caetano Veloso, quando canta “a rama, o sapo, o salto de uma rã” e a encontra, longe do velho poço, em um “Coro de cor, sombra de som de cor”. Porque não? Afinal, a coloração sexual da libido, do real, como diz Lacan é “cor de vazio”.<sup>6</sup>

## O autor:

Marcus André Vieira é psiquiatra e psicanalista da Escola Brasileira de Psicanálise, da qual foi diretor e presidente. É professor adjunto do Depto de Psicologia da PUC-Rio e coordenador da Associação Digai de atendimento psicanalítico na favela da Maré. Seu último livro: *Mães* (Rio de Janeiro, Subversos, 2015).

[mav@litura.com.br](mailto:mav@litura.com.br)

[www.litura.com.br](http://www.litura.com.br)

# OPÇÃO LACANIANA

Revista Brasileira Internacional de Psicanálise



Jacques Lacan – Religiões e real  
Jacques-Alain Miller – A lógica e o oráculo

Agosto 2016

73

## OPÇÃO LACANIANA

ISSN 1519-3128

*Opção Lacaniana* é uma revista psicanalítica brasileira internacional

Editada por Edições Eolia  
Rua Albuquerque Lins 902/212 01230-000  
São Paulo – SP – Brasil – Fax: (5511) 3826 9731

Colaboração: Fundação do Campo Freudiano e Associação Mundial de Psicanálise  
Acordos com "La Lettre Mensuelle" da École de la Cause freudienne

Integra a rede Scilicet III que reúne ao lado de *Orricar?* as seguintes publicações:  
*Clique*, Belo Horizonte; *Cuadernos de Psicoanálisis*, Bilbao;  
*El Psicoanalista*, Madrid; *Freudiana*, Barcelona; *La Cause Freudienne*, Paris;  
*La Psicoanalista*, Roma; *La Psychanalyse*, Atenas; *Mental*, Paris-Bruxelas;  
*Opção Lacaniana*, São Paulo; *Quarto*, Bruxelas

INDADORES: Antonio Benetti, Angelina Harari, Bernardino Horne, Luiz Henrique Vidigal

**DIRETOR:** Jacques-Alain Miller

**EDITORA:** Angelina Harari

**COORDENAÇÃO:** Teresinha N. Meirelles do Prado

**COLABORAÇÕES:** Heloisa Caldas (*Tradução*), Marcus André Vieira (*Clássicos*),  
Teresinha N. Meirelles do Prado (*Distribuição e Revisão Técnica*)

**DIAGRAMAÇÃO:** Angela Mendes

**IMAGEM DA CAPA:** Fernando Zanardo

Os colegas que desejarem receber *Opção Lacaniana*  
por correio ou desejarem difundir-la, podem dirigir-se à  
Redação pelo e-mail [opclacanian@gmail.com](mailto:opclacanian@gmail.com).

# OPÇÃO LACANIANA

Revista Brasileira Internacional de Psicanálise

73

### EDITORIAIS

*Christiane Alberti*, A ação lacaniana na ECF, **7**  
*Marcela Antelo*, Discurso de posse da nova  
Presidente da EBP, **3**

### LACAN

*Jacques-Lacan*, Religiões e real, **11**

### ORIENTAÇÃO LACANIANA

*Jacques-Alain Miller*, A lógica e o oráculo, **19**  
*Jacques-Alain Miller*, Habeas corpus, **31**

### BARCELONA/AMP 2018

*Miquel Bassols*, A substância gozante, **38**  
*Guy Briole*, Aggiornamento, **46**

### IMPÉRIO DAS IMAGENS

*Miquel Bassols*, O corpo, o visível e o invisível, **53**

#### IMAGENS INDELÉVEIS...

- Beatriz Udenio, Perfurar a imagem, **63**  
Débora Rabinovich, Miss April, **65**  
Paula Kafus, Love is on, **67**  
Ram Mandil, Uma imagem indelével na vida, **69**  
Cecília Gasbarro, A água que desliza pelas gretas, **71**  
Gabriela Grinbaum, Justo para mim, **74**  
Marcus André Vieira, O remo e a rã, **77**  
Marina Recalde, Preto no branco, **81**

#### AS IMAGENS NA CLÍNICA DA PSICOSE

- Henri Kaufmann, A psicose e a multiplicidade das imagens, **84**  
Jorge Forbes, Girassóis – clinicando as psicoses, **87**  
José Fernando Velásquez, O lugar das imagens na clínica da psicose, **90**  
Silvia Baudini, A construção de um imaginário, **94**

#### IMAGEM E CORPO

- Luiz Fernando Carrijo da Cunha, "É preciso acender a luz", **97**  
Miquel Bassols, Comentários ao testemunho, **103**  
Ruky Mildiner, O silêncio esvaziado do olhar:  
um dizer de outra maneira, **106**  
Miquel Bassols, Comentários ao testemunho, **113**

#### IMAGENS E SINTOMAS CONTEMPORÂNEOS

- Ângela Fischer, Os sintomas contemporâneos e  
as imagens na adolescência, **116**  
Bernardino Horne, As imagens e os sintomas contemporâneos, **119**  
Gustavo Stiglitz, Imagens da solidão, **123**  
Patricio Alvarez, O transexual e a imagem, **126**

ABSTRACTS, **129**

<sup>1</sup> Vamos do que o significante toca o sentido para atingir o que ele toca no real ou, como propõe Miller: como "Aquilo que a fala tem de imaginário é acionado na análise para fazer com que aquilo que ela tem de real mude o gozo" (Cf. Miller, J. A. "A formação do analista", *Opção Lacaniana*, n. 37, São Paulo, EBP, 2003, p. 27).

<sup>2</sup> Bashô (Japão, 1644-1694), *Trilha Estreita ao confim*, Trad. Alberto Marsicano, São Paulo, Iluminuras, 1997. Cf ainda Leminski, P. *Matsuo Bashô: A Lágrima do Peixe*, São Paulo, Brasiliense, 1983.

<sup>3</sup> As diferentes traduções podem ser encontradas neste endereço:

<http://www.kakinet.com/caqui/furuike.shtml>, acesso em 5/8/15.

<sup>4</sup> Para o uso de "franja" por Lacan, cf. Lacan, J. *O seminário, livro 3*, Rio de Janeiro, Zahar, 1985, p. 160 e para o "litoral", Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 21 (p. 16 da ed. original).

<sup>5</sup> « MALLARMÉ BASHÔ », Paulo Leminski, *La vie en close*, São Paulo, Brasiliense, 1991.

<sup>6</sup> "Sua [da libido] coloração sexual, tão formalmente afirmada por Freud como inscrita no que há de mais íntimo de sua natureza, é cor-de-vazio: suspensa na luz de uma hiância [béance], Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 865 (851 no original). "A Rã", Caetano Veloso e João Donato, in *Caetano Veloso Songbook*, de Almir Chediak, 1997.